

Introdução

Perdição e cultura

A idéia da *perdição criadora* começou a habitar meus pensamentos a partir do encontro com a psicanálise. O estudo e a prática da análise levaram-me à hipótese de que o ato criador pressupõe certa experiência de perdição. Ele exige perder-se em alguma coisa e perder-se de tantas outras. Nessa operação de entrega e abandono, o acaso comparece. Em se tratando de perdição, tudo pode levar-nos a tropeços.

A experiência da *perdição criadora* remete à invenção de nova maneira de viver e perceber o mundo e suas relações. Segundo minha hipótese, aqueles que vivenciaram a *perdição criadora* fascinaram-se com tamanha intensidade por algo que romperam com o padrão existente, perderam-se da trilha coletiva. Moveram-se em direção a alguma coisa considerada absurda ou impossível por seus contemporâneos e, quem sabe, por muitos que os sucederam. Galileu, Colombo, Lutero, Pessoa são alguns deles. Cada um instaurou, a seu modo, forma diferente de vida.

Ao propor novo sintagma para apreender certo aspecto da experiência humana, sigo a orientação de Freud e Lacan, que recorriam à sabedoria da língua para despertar significações dos processos que buscavam apreender. “Mesmo em seus caprichos, o uso da linguagem permanece fiel a uma certa espécie de realidade”, escreve Freud ao abordar os usos da palavra amor.¹

A significação original da palavra perdição transporta-nos ao universo religioso. Considera-se perdido aquele que pecou e caiu em desgraça por cometer atos imorais, em desacordo com os dogmas prescritos. E por isso está condenado a alguma pena. Perdição deriva de *perditio*, em latim, e apresenta-se como

¹ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego** (1921), p.121.

sinônimo de *tentatio*, tentação. Expressa apelo dos inimigos espirituais, do diabo. O perdido cede às tentações, é seduzido pelo “mal”, incitado a agir de modo censurável, ímpio. Entre a reprovação religiosa e a via do desejo, encontramos a significação *desregramento, devassidão*.²

O uso comum da palavra perdição remete a situações em que somos tomados por desejos incontroláveis. Tentação também apresenta uso coloquial ligado à intensa vontade. Relaciona-se com o deixar-se seduzir, encantar-se por algo. E se simplesmente associamos tentação às significações do verbo tentar, a palavra designa esforço por realizar algo, tentativa, ensaio. E ainda: aventurar-se.

O termo criação ressoa o sopro divino. Refere-se ao ato de dar vida, indicativo do bem. Com a expressão *perdição criadora* busco ressaltar a ambiguidade da experiência humana da criação. Ela diz respeito tanto a Deus como ao Diabo. Ambos facetas opostas de uma mesma e única força.

O uso comum de perdição valoriza o desejo. A significação original, religiosa, destaca o desregramento presente na entrega ao desejo. Em diversas situações sentimo-nos tentados, enfeitados por alguma coisa. Classificar *a priori* esse ato como algo nocivo a ser evitado corresponde a paralisar e até mortificar nossa experiência. Nessa situação, quem seria representante do mal, Deus ou o Diabo?

A expressão *perdição criadora* visa enfatizar que a invenção relaciona-se com a capacidade de suportar o desprazer e a angústia, despertados pelo enfrentamento do misterioso e do desconhecido. Ressalta a conexão entre criação, aventura e risco. A expressão decorre, também, da constatação da tendência humana a transformar em dogma qualquer discurso que produz para ordenar e dar sentido à existência.

Não apenas na religião, mas também na filosofia e na ciência, constatamos a propensão ao culto dos modelos instituídos e a rejeição do diferente, muitas vezes classificado como maldito. Mesmo na arte vemos a repetição cega dos discursos e o impedimento de articulações inauditas. Até na psicanálise. Não à toa, Lacan nomeia sua expulsão da Associação Internacional de Psicanálise (IPA) de “excomunhão”. Ele dedica a primeira aula de seu *Seminário 11* (1964) ao tema. Na vida cotidiana tampouco se aceita alguém fora da norma. O dogmatismo,

² **Dicionário Houaiss de língua portuguesa; Dicionário de língua portuguesa contemporânea.** Academia de Ciências de Lisboa, 2001.

portanto, não se restringe ao discurso religioso, revela a inclinação do homem à fixação, à recusa da instabilidade.

Freud aborda a “visão de mundo” característica da religião em sua última conferência – *A questão de uma Weltanschauung*, publicada em dezembro de 1932.³ Nela, identifica grande poder no discurso religioso. Ao oferecer explicações para a origem e existência do universo, tal discurso assegura proteção e felicidade. Sua principal força reside no efeito emocional provocado: acalma o medo diante das vicissitudes da vida. Mas a garantia de conforto e segurança depende do cumprimento de exigências éticas bem estritas. Qualquer deslize gera punições.

Segundo a análise de Freud, a religião não admite qualquer transformação em seus dogmas, com o objetivo de autopreservação. Ela promove uma “inibição religiosa do pensamento”⁴. Seus adeptos mostram-se intolerantes com o diferente. Optam por atacar, mesmo antes de sofrerem qualquer ofensa. Apesar de atribuir tais características ao discurso religioso, Freud admite que em outros campos, inclusive na ciência, à qual ele associa a psicanálise, pode-se observar semelhante modo de proceder. Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), afirma:

Se outro laço grupal tomar o lugar do religioso – e o socialista parece estar obtendo sucesso em conseguir isso –, haverá então a mesma intolerância para com os profanos que ocorre na época das Guerras de Religião, e, se diferenças entre opiniões científicas chegassem um dia a atingir uma significação semelhante para grupos, o mesmo resultado se repetiria mais uma vez com essa nova motivação. (Freud, [1921] 1996, p.111).

A tendência a sacralizar objetos e discursos revela estratégia para não nos depararmos com a falta de um sentido último para vida. Admiti-lo provoca angústia. Somos constituídos pela linguagem e ansiamos por significados para ordenar nosso comportamento, nossas relações com os outros e com o mundo. Esses significados nos ajudam a dominar as coisas e nos dão ilusão de poder sobre a vida. Sem eles, sentimo-nos perdidos e desamparados. Daí Freud identificar o

³ FREUD, S. *A questão de uma Weltanschauung*. In: **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise.**

⁴ FREUD, S. *A questão de uma Weltanschauung*, p.167.

homem religioso ao estado infantil, em que a criança sente-se segura pela proteção do pai.⁵

Podemos reconhecer, no entanto, que a interpretação de Freud sobre a religião restringe-se a modo específico de experimentá-la. Mesmo no âmbito da religião propriamente dita, há aqueles que não se limitam a repetir os dogmas prescritos. Dentre eles, os místicos abordam as doutrinas de maneira particular, em virtude de sua intensa busca em vincular-se com o Absoluto. Seu encantamento pelo divino os engaja em rigoroso deciframento dos mistérios da experiência. Tal exercício resulta em construção de vínculo profundamente singular com a instituição religiosa e com a vida em geral. Ao longo da história, alguns deles foram classificados como heréticos. Destaco o exemplo de Mestre Eckhart (1260-1328), importante frade dominicano e pensador medieval. Eckhart morreu pouco tempo antes da promulgação de sua condenação em processo de heresia. Santa Teresa D'Ávila (1515-1582), fundadora da ordem das Carmelitas Descalças, também foi acusada de heresia pela Inquisição, mas acabou absolvida. Vejo a vida e a obra desses dois místicos expressão contundente do que descrevo como *perdição criadora*.

Aquele que dá vida a nova forma provoca confusão na ordem estabelecida. Comete ato em desacordo com os dogmas prescritos. Representa, assim, certo espírito maligno e, muitas vezes, acaba perseguido e odiado por seus contemporâneos. Mas poderá vir a ser amado e cultuado pelas gerações futuras, pois inventou novas possibilidades de representar a vida. Em certos casos, o modo como foram mortos ou criticados torna-se símbolo de nova era. A história humana constitui-se por essa dinâmica de ordem, desordem, e nova ordem.

Para o religioso, no sentido apresentado por Freud, o demônio representa o extravio, o descaminho. Nisso ele tem razão. O problema está em associá-lo, necessariamente, ao mal. O crente não suporta ver seu fundamento ameaçado. Os gregos, no entanto, designavam *daimon* os seres intermediários entre os deuses e os mortais. Eles revelavam aquilo que estava oculto aos homens.

A ausência de uma única ordem natural e universal caracteriza a espécie humana. Faz dela radicalmente diferente das demais espécies animais. A falta expressa, na verdade, excesso de possibilidades. A enorme variedade das culturas,

⁵ FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), p.81.

surgidas ao longo da história da humanidade, constitui prova da riqueza dessa ausência. Na origem, a força que impele nosso organismo à atividade, denominada por Freud de pulsão, manifesta-se de modo caótico. As construções simbólicas lhe impõem organização.

A dinâmica da criação na natureza inclui o caos. Da tensão entre forças nascem as formas, que lutam para se afirmar. O homem, diferentemente de outras expressões da vida, organiza-se segundo uma ordem moral. E aqueles que, de alguma maneira, se afastam dessa ordem, são considerados perdidos. Por isso, proponho o fenômeno da *perdição criadora* como específico ao mundo humano.

A moral oferece valores e preceitos que orientam os pensamentos e as ações dos indivíduos. A vida, e não apenas a vida coletiva, sustenta-se pela imposição de travas à manifestação caótica da pulsão. Sem elas, chamadas em psicanálise de recalque, a pulsão provocaria tão somente destruição. Em sua clínica, Freud descobre, no entanto, que essas travas também operam como agentes de destruição. Ele constrói, então, método que permite ao homem lidar melhor com o conflito de forças que experimenta, franqueando a possibilidade de criação de vida sempre renovada.

A psicanálise desvela a fragilidade fundamental do homem: nenhuma ideia oferece sentido absoluto para a existência. Tampouco há objeto que nos satisfaça de modo completo. Em nosso processo de desenvolvimento, nos vinculamos a objetos e ideias oferecidos pela cultura à qual pertencemos. Eles apresentam-se como saída coletiva para a angústia do viver. Por isso, são considerados sagrados e devem ser cultuados. Entretanto, o dia-a-dia mostra o descompasso entre o ideal e o real. E pior: o ideal, tido como representação do Bem, mais parece a encarnação do Mal, pois impõe punição aos indivíduos que não conseguem seguir sua cartilha.

O trabalho da análise promove a constante dessacralização desses ideais universais. Em virtude disso, o psicanalista brasileiro MD Magno denomina a psicanálise de *arreligião*.⁶ O processo analítico impele à suspensão do pleno sentido que os ideais parecem ter e nos disponibiliza para outras maneiras de viver. Mas exige, também, a construção de novas fantasias, que alimentem a vontade de despertar a cada dia.

⁶ MAGNO, MD. *Revirão* 2000/2001, p.594.

A psicanálise constitui-se como um saber, e uma prática, que desconstrói a ilusão de possuímos somente uma personalidade, à qual permanecemos fiéis todo tempo. A análise leva-nos a perceber a falsidade dessa imagem ideal unificada. A ideia da consciência, vista como o lugar soberano na produção de nossos discursos e de orientação de nossos atos, desfaz-se diante das descobertas clínicas do mestre da psicanálise. O inconsciente – o não sabido – assume, a partir de Freud, o papel de principal motor da vida. Por meio dos atos falhos, dos sonhos, dos equívocos, somos levados, pela associação livre, a nos perder nas tramas do desconhecido. E então despertamos “razões” antes veladas, escondidas.

Muitas vezes as lógicas inconscientes nos causam horror, por estarem em desacordo com os ideais que nos amarram. Constatamos, assim, que nossa suposta consciência individual configura-se, na verdade, como repetição automática de modelos coletivos. E nos damos conta do sofrimento provocado pela fidelidade a esses modelos. Em lugar da crença na autonomia, surge a percepção de vivermos sob a hipnose da cultura. Diante de tais revelações, somos impulsionados a criar novas possibilidades de vida. Daí minha hipótese: o processo analítico implica a *perdição criadora*. Trata-se de perder-se para achar-se, continuamente.

Se minha referência primeira é a psicanálise, a reflexão sobre a criação levou-me a Friedrich Nietzsche. Sua crítica à filosofia, à ciência e à moral destaca a vontade de poder como produtora do mundo. Ele reconhece a violência e a perene disputa de forças como elementos constituintes da natureza e da cultura.

Para Nietzsche, a dimensão caótica move a criação, tanto no cosmos como no homem. Essa superação da oposição entre mundo natural e mundo humano desperta a consciência do contínuo fluxo que nos move. Nietzsche apontou para isso, resgatando os filósofos pré-socráticos, chamados de físicos. Freud também, ao formular o conceito de pulsão associado ao conceito de energia, da física. Inspirado no conflito perene entre ordem e caos, Nietzsche propõe uma filosofia trágica da existência. Ela tem como centro não a razão e o ideal, mas a arte e sua expressão afirmativa do sofrimento e da dor do viver.

Para desenvolver as ideias apresentadas, dividido o trabalho em três partes. Início minhas reflexões com estudo sobre o pensamento de Freud e as interpretações que dele fizeram Jacques Lacan e MD Magno, psicanalista brasileiro discípulo de Lacan. A abordagem que proponho de Freud e Lacan

privilegia suas formulações mais tardias. A partir desta cifra, abordo suas primeiras descobertas.

Em Freud, destaco o conceito de pulsão de morte, enunciado em 1920 no texto *Além do princípio de prazer*. Ele leva à formulação de nova concepção do aparelho psíquico, que afirma o caráter caótico do Isso e ressalta a força destrutiva do ideal, manifestada pelo sistema psíquico nomeado por Freud de Supereu⁷. Lacan deu grande ênfase, nos primeiros anos de seu ensino, às dimensões imaginária e simbólica do aparelho mental. Constituímo-nos a partir de emaranhado de imagens e vozes inscritas em nossa mente, em virtude da relação com o mundo exterior. Seus últimos seminários privilegiam, no entanto, a força do real em nossa experiência. No *Seminário 20 – Mais ainda* (1972-1973), Lacan formula o conceito de *alíngua*. Com ele designa o silêncio originário a partir do qual surge todo e qualquer discurso. De Magno apresento de modo mais aprofundado sua contribuição à reflexão sobre o recalque, considerado por Freud a “pedra angular da psicanálise”. Magno propõe o conceito de *revirão*, para explicar a capacidade humana de transformar, perenemente, a si e ao mundo.

Dedico a segunda parte do trabalho ao pensamento de Nietzsche. Abordo algumas de suas ideias que contribuem para a afirmação da hipótese da *perdição criadora*. Começo por uma análise do estilo de seu texto, ele mesmo uma crítica à característica dos sistemas filosóficos e sua busca por manter visão total e coerente sobre a vida. A concepção de saúde presente na obra de Nietzsche revela a dimensão trágica da existência, que vejo estar presente, também, no pensamento freudiano. Ambos pensadores ressaltam a relação entre vida saudável e afirmação da singularidade, construídas a partir do questionamento dos ideais coletivos.

Na terceira parte investigo aspectos específicos do trabalho clínico e sua relação com a experiência da *perdição criadora*. Examino tanto o trabalho da perda como o despertar do desejo presentes no processo terapêutico. Dedico especial atenção ao tema do amor. A relação especial estabelecida entre paciente e analista permite-nos pensar o campo do amor sob nova luz.

⁷ Optei por usar os pronomes Eu e Isso, e o termo Supereu, para referir-me às instâncias psíquicas *ego*, *id* e *superego*. A latinização dos pronomes deu-se na tradução da obra de Freud para o inglês. Mas ele desejava que a psicanálise fosse acessível a qualquer um e não apenas a eruditos. Daí sua busca em utilizar termos próximos ao cotidiano.